

RESPOSTAS DE MOVIMENTOS SOCIAIS FEMINISTAS À PANDEMIA DE COVID-19: NOTAS PRÉVIAS DE PESQUISA EM PSICOLOGIA SOCIAL

Recebido em 31/03/2021, aprovado em 3/05/2021
10.30612/mvt.v8i14.15028
Mariana Luciano Afonso¹

RESUMO: O presente artigo trata de notas prévias de pesquisa em andamento. São reflexões preliminares que conjugam elementos de pesquisa de doutorado, finalizada em 2019, com a atual conjuntura da pandemia de Covid-19. A partir da constatação de que a pandemia atinge mais intensamente a população negra e da classe trabalhadora, impactando ainda uma intensificação de sobrecarga no trabalho das mulheres, busca-se refletir sobre os impactos e, especialmente, as respostas psicossociais à pandemia travadas por mulheres da classe trabalhadora – em sua maioria negras –, organizadas em um movimento social feminista na cidade de São Paulo (SP). Nota-se uma sobrecarga de trabalho e emocional, mas também, relações de cuidado e solidariedade que apontam para uma resistência à política hegemônica atual e para horizontes de transformação social.

Palavras-chave: Pandemia de Covid-19. Gênero. Movimentos sociais feministas. Cuidado.

RESPONSES FROM FEMINIST SOCIAL MOVEMENTS TO THE COVID-19 PANDEMIC: PREVIOUS NOTES ON RESEARCH IN SOCIAL PSYCHOLOGY

ABSTRACT: This article is about previous notes on research in progress. The reasonings are preliminary reflections combining elements of a doctoral research in 2019 with the current situation of the Covid-19 pandemic. From the situation that the pandemic affects the Black population and the working class more intensely, also impacting an intensification of overload in the work of women, we aim to reflect on the impacts and, especially, the psychosocial responses to the pandemic waged by working class women – mostly Black women – organized in a feminist social movement in the city of São Paulo (SP). These women face work and emotional overload, and also care and solidarity relations that point to a resistance to the current hegemonic policy and for horizons of social transformation.

Keywords: Covid-19 pandemic. Genre. Feminist social movements. Care.

¹ Doutora em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo/USP (período sanduíche na Université Paris 13 Sorbonne Paris Cité). Professora da Faculdade de Medicina da Universidade Cidade de São Paulo. Pesquisadora na área de Psicologia Social. E-mail para contato: mariana.l.afonso@gmail.com.



RESPUESTAS DE LOS MOVIMIENTOS SOCIALES FEMINISTAS A LA PANDEMIA DEL COVID-19: NOTAS PRELIMINARES SOBRE INVESTIGACIÓN EN PSICOLOGÍA SOCIAL

RESUMEN: Este artículo trata sobre notas preliminares sobre una investigación en curso. Reflexiones preliminares que combinan elementos de una investigación doctoral, finalizada en 2019, con la situación actual de la pandemia Covid-19. Partiendo de la constatación de que la pandemia afecta más intensamente a la población negra y a la clase trabajadora, también impactando una intensificación de la sobrecarga en el trabajo de las mujeres, buscamos reflexionar sobre los impactos y, especialmente, las respuestas psicosociales a la pandemia impulsadas por las mujeres de la clase trabajadora – en su mayoría mujeres negras – organizadas en un movimiento social feminista en la ciudad de São Paulo (SP). Hay una sobrecarga laboral y emocional, pero también relaciones de cuidado y solidaridad que apuntan a una resistencia a la política hegemónica actual y para horizontes de transformación social.

Palavras Clave: Pandemia de Covid-19. Género. Movimientos sociales feministas. Cuidado.

INTRODUÇÃO

O presente artigo trata-se de notas prévias de pesquisa em andamento com reflexões posteriores à realização da pesquisa de doutorado da autora (AFONSO, 2019)². Estas reflexões preliminares conjugam elementos daquela pesquisa com a atual conjuntura da pandemia de Covid-19. Para tanto, estas notas constituem-se por uma apresentação do quadro teórico, do referencial metodológico e da exposição breve de alguns resultados e reflexões preliminares.

A pandemia de Covid-19 no Brasil vem acompanhada de disputas de versões e narrativas. Interessa-nos, nestas notas, refletir sobre as narrativas, os impactos e, especialmente, as respostas psicosociais de um grupo específico: mulheres da classe trabalhadora – em sua maioria negras –, organizadas em movimentos sociais na cidade de São Paulo (SP).

Este artigo constitui-se, também, como um desdobramento de uma pesquisa de doutorado em Psicologia Social (AFONSO, 2019). Na referida tese foram investigadas as dimensões psicosociais da participação política de mulheres da classe trabalhadora em um movimento social feminista, antirracista e anticapitalista: a Marcha Mundial das Mulheres (MMM).

Parte-se da premissa de que a desigualdade de gênero se configura como um problema histórico e social, de graves consequências objetivas e subjetivas. Pode-se elencar desde o fenômeno da violência doméstica, que tem as mulheres como principais vítimas; a baixa participação política das mulheres; as exaustivas jornadas de trabalho dentro e fora de casa e a divisão sexual do trabalho que reserva às mulheres as tarefas mais monótonas e sujas (BOSI, 2009); as diferenças salariais entre homens e mulheres, entre outros.

Observa-se, ainda, a discriminação da mulher em nível simbólico: atrelam-se significados pejorativos e desqualificadores ao feminino; justifica-se a violência contra mulheres segundo motivações desligadas da soberba e mandonismo dos homens; hipersexualiza-se e banaliza-se o corpo feminino como mercadoria barata; reafirmam-se para mulheres papéis sociais distintos dos homens,

2 Pesquisa realizada com apoio financeiro da CAPES. Contemplada com menção honrosa no Prêmio Teses Destaque USP/Grande área de Ciências Humanas, de 2020.

opressivos e naturalizados; tudo o que parece orientar a apresentação midiática das mulheres. A mulher, assim como o negro, foi historicamente atingida pela construção de valores e representações marcados pela violência simbólica e por um conjunto de exclusões. Esses discursos, crenças e representações desmoralizadoras têm impactos destruidores sobre a autoestima e a identidade feminina (WHITAKER, 1988; BLAY, 2001; SAFFIOTI, 2013; 2015; AFONSO, 2019).

No campo da Psicologia Social e da dimensão subjetiva das relações de exploração e opressão, Gonçalves Filho (1998) acentua o impedimento político e a reificação de pessoa como constituintes da humilhação social. A desigualdade nas relações sociais de gênero faz com que as mulheres vivenciem esses dois fenômenos: o impedimento político, pois, historicamente subordinadas, sofrem continuamente interdições de ação e de palavra; e a reificação, uma vez que são frequentemente tratadas como coisas quando reduzidas a corpos disponíveis, expostos ao abuso. Desta forma, pode-se falar nesta modalidade de sofrimento que é político, ancestral, compartilhado por pessoas de um grupo longamente subordinado, um sofrimento também psicológico, pois afinal atinge e constrange o corpo e o psiquismo: a humilhação social.

O contexto da pandemia acentua e escancara muitas das desigualdades de gênero. Dados de pesquisas de instituições, como a OXFAM e a Organização das Nações Unidas (ONU) Mulheres, trazem informações como: o expressivo aumento dos índices de violência doméstica e feminicídio, uma vez que, com a necessária medida de isolamento social, muitas mulheres encontram-se confinadas com seus agressores e com menos rede de apoio; maior sobrecarga de trabalho e vulnerabilização, uma vez que elas representam cerca de 70% dos trabalhadores da saúde na linha de frente; imensa maioria em trabalhos informais e precarizados, como entre cuidadores de idosos e empregadas domésticas. No Brasil, é importante lembrar ainda que as mulheres negras constituem a base da pirâmide social, representando a maioria das pessoas que vivem abaixo da linha da pobreza. São elas, portanto, as mais afetadas também pela crise econômica que acompanha a pandemia (NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2020).

A despeito de toda esta situação de desigualdades, as mulheres, assim como os negros e os trabalhadores não são sujeitos passivos, especialmente junto de seus iguais, como quando organizados em movimentos sociais (JOVCHELOVITCH, 1988; AFONSO; SCOPINHO, 2015; AFONSO; GALLO, 2019). Neste artigo, buscamos trazer notas prévias de reflexão sobre as narrativas e as práticas de enfrentamento aos impactos psicossociais da pandemia em mulheres – em sua maioria negras – da classe trabalhadora organizadas na MMM. Buscamos observar as práticas preventivas e dinâmicas interpessoais mobilizadas neste contexto, a partir da perspectiva deste movimento social que articula a luta pelo fim da dominação-exploração³ das mulheres com a luta antirracista e anticapitalista.

REFERENCIAL TEÓRICO E MÉTODO

A pesquisa baseia-se nos pressupostos do método qualitativo em Psicologia Social. Esta é uma área “de fronteira”, cujos referenciais teóricos e metodológicos, frequentemente, aproximam-se mais de outras ciências humanas e sociais do que de perspectivas tradicionais, experimentais e individualizantes da própria Psicologia.

3 Conceito empregado como em Saffioti (2015), que considera a dominação política e a exploração econômica das mulheres como duas faces do mesmo fenômeno.



A pesquisadora realizou observação participante, análise de textos e documentos produzidos pela MMM e entrevistas semi-estruturadas. As depoentes foram mulheres que participam da MMM na cidade de São Paulo, por duas razões: a primeira é que esta cidade é o epicentro da pandemia no Brasil; e a segunda é que é uma cidade onde o movimento social em questão encontra-se mais fortalecido e atuante (AFONSO, 2019). Foi realizada triangulação de informação dessas diferentes fontes e análise de conteúdo (MINAYO, 2010)

Do aporte da Psicologia Social e Comunitária são utilizados conceitos como os de humilhação social (GONÇALVES FILHO, 1998), e comunidade – como perspectiva de resistência à humilhação social e de horizonte ético-político de transformação social (SVARTMAN; GALEÃO-SILVA, 2016). Dos estudos feministas, utilizaremos a noção de feminismo popular, consubstancialidade e interseccionalidade (HIRATA, 2014; DAVIS, 2016) das relações entre gênero, raça e classe, e as reflexões sobre o trabalho de cuidado (HIRATA, 2010; MOLINIER, 2008; 2014; 2018a).

No que tange aos conceitos utilizados a partir dos estudos feministas e das vivências e contatos já realizados em campo de pesquisa com este expressivo movimento social feminista, compartilho aqui algumas considerações iniciais: a noção de feminismo popular utilizada é a que parece estar sendo construída na práxis pela Marcha Mundial das Mulheres, uma vez que tem sido encontrada na pesquisa de campo, especialmente em documentos produzidos pela MMM.

Nesse sentido, apresenta-se como um feminismo que se desenvolve junto aos movimentos sociais e populares, integrando as mulheres da classe trabalhadora em um projeto político de transformação social (MORENO; GODINHO; FARIA, 2020). Busca-se, assim, construir um feminismo anti-imperialista, anticapitalista, antipatriarcal e antirracista que parte dos acúmulos dos movimentos de mulheres, movimento negro, movimento camponês, movimento ecologista, sindicatos e partidos políticos de esquerda (CAPIRE, 2021).

Em relação às noções de consubstancialidade e interseccionalidade, estas são mobilizadas na medida em que dialogam com a complexidade e pluralidade das pautas e reivindicações deste feminismo construído pela MMM. Dialogam, também, com o perfil de mulheres que compõem este movimento social: trabalhadoras, negras e brancas.

Utiliza-se, de modo mais central, o conceito de consubstancialidade, pois se percebe na pesquisa de campo as relações sociais de gênero, raça e classe como fundamentalmente estruturais e estruturantes nas vidas dessas mulheres. O que está em jogo na escolha desta ferramenta analítica é a importância de olhar para a realidade social em sua complexidade, de maneira não fragmentada e levando em conta as dimensões materiais da dominação (KERGOAT, 2012). Essa ferramenta reflete ainda a dimensão da importância da articulação entre lutas gerais e específicas e de transformações estruturais.

O conceito de interseccionalidade pode também ser mobilizado como em Helena Hirata (2014, p. 74), quando a autora ressalta que

A interseccionalidade é vista como uma das formas de combater as opressões múltiplas e imbricadas, e portanto como um instrumento de luta política. É nesse sentido que Patricia Hill Collins (2014) considera a interseccionalidade ao mesmo tempo um “projeto de conhecimento” e uma arma política. Ela diz respeito às “condições sociais de produção de conhecimentos” e à questão da justiça social (Idem, *ibidem*). Essa ideia é concretizada por Danièle Kergoat (2012, p. 20) quando afirma a “necessidade de pensar conjuntamente as dominações” a fim de, justamente, não contribuir para sua reprodução.

Essas ferramentas analíticas dialogam ainda com o trabalho de pesquisa na medida em que as mulheres enfrentam de modo singular e intensificado os impactos da pandemia pelo lugar que ocupam nas relações de classe e de raça. A posição nas relações de trabalho determina, por exemplo, se puderam/podem ou não fazer o isolamento social. As relações sociais de raça indicam quais grupos estão mais vulneráveis ao adoecimento e morte (SANTOS *et al.*, 2020).

A dimensão do cuidado é compreendida a partir de uma ética feminista, que luta pelo fim da opressão sofrida pelas mulheres e outros grupos historicamente oprimidos, buscando transformações políticas e sociais e denunciando a injustiça das relações de exploração (ZOBOLI, 2004; MOLINIER, 2014). A partir da articulação entre esses conceitos e os dados de pesquisa, temos desenvolvido a categoria psicossocial que, inspirada nas investigações e reflexões de Pascale Molinier com mulheres sindicalistas na Colômbia, traduzimos como do cuidar-nos entre nós (MOLINIER, 2018b; AFONSO, 2019). Trata-se de uma dimensão afetiva da relação entre as mulheres no âmbito da luta política, em sindicatos ou movimentos sociais. Este conceito reflete uma dimensão ética-política do cuidado nas relações interpessoais estabelecidas no seio de um feminismo popular e comunitário.

Nesse sentido, buscaremos investigar também ações de autocuidado promovidas por mulheres em outros movimentos sociais no Brasil, tal como as apontadas pelo Centro Feminista de Estudos e Assessoria (CFEMEA), que promovem metodologias e ferramentas para o autocuidado, o cuidado entre mulheres ativistas e a proteção de defensoras de direitos humanos (CFEMEA, 2020). No atual contexto de pandemia, crise econômica, empobrecimento e intensificação da sobrecarga de trabalho das mulheres, acreditamos que iniciativas como estas podem ser especialmente relevantes, tanto no sentido de resistência política como no de luta pela manutenção da vida e da saúde.

RESULTADOS PRELIMINARES E CONSIDERAÇÕES BREVES

Apresentaremos, de forma muito breve, importantes respostas travadas pelas mulheres da MMM aos impactos psicossociais da pandemia. Buscando articular ações de luta e solidariedade, elas têm buscado se apoiar mutuamente na apropriação de ferramentas online. Através dessas tecnologias, houve iniciativas como criação de *sites* e ferramentas online, campanhas de arrecadação financeira e fortalecimento de iniciativas de economia solidária; reuniões e ações políticas de mobilização adaptadas ao contexto online. Entre os atos e manifestações políticas, há desde lutas específicas das mulheres, como o combate à violência de gênero e as pautas históricas dos 8 de março; até a união em reivindicações concernentes à população brasileira, especialmente à classe trabalhadora, como a implementação e ampliação do auxílio emergencial, e vacina para todas as brasileiras e brasileiros (MMM, 2021).

Entre as mulheres que não são do grupo de risco, há ainda articulação de ações de solidariedade, como distribuição de cestas básicas nas periferias e estímulo a iniciativas de capacitação e geração de renda junto a mulheres em situação de extrema vulnerabilidade social, prostituição e/ou violência doméstica. Observaram-se ainda ações de afeto e apoio mútuo sem muito planejamento prévio, como cerimônias virtuais de acolhimento mútuo e homenagem a uma companheira militante que faleceu e, em decorrência da pandemia, não pôde ter uma cerimônia apropriada.

Tudo isso se entrelaça à noção de comunidade como enfrentamento da humilhação social e como dimensão utópica de sociedade: uma sociedade em que a vida, a solidariedade, a cooperação, o cuidado e apoio mútuos valem mais do que a lógica econômica do lucro a qualquer custo. Nas ações “práticas” de cuidado no dia a dia, as mulheres da MMM fortalecem a si mesmas, e fortalecem umas às outras. Ao mesmo tempo, inventam novas formas de relação intersubjetivas pautadas por um horizonte de transformação social e por práticas ética-políticas de afeto e apoio.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Mariana Luciano; SCOPINHO, Rosemeire Aparecida. Mulheres camponesas: identidades que resistem. **Revista de Estudos Universitários**, Sorocaba/SP: Uniso, vol. 41, n. 2, p. 247-264, 2015.

AFONSO, Mariana Luciano. **Segura sua mão na minha, para que façamos juntas o que eu não posso fazer sozinha**: memórias de mulheres que participam de movimento social feminista. 2019. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

_____; GALLO, Jaci. Mulheres da Luz: Nota de intervenção psicossocial com mulheres negras em situação de vulnerabilidade, prostituição e exclusão social. *In*: CRP SP. (Org.). **Prêmio Jonathas Salathiel**. São Paulo, SP: CRP SP, 2019, p. 134-148.

BLAY, Eva Alterman Um caminho ainda em construção: a igualdade de oportunidades para as mulheres. **Revista da USP**, São Paulo: USP, n. 49, p. 82-97, 2001.

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**. Leituras de operárias. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.

CAPIRE. **8 de março**: rebeldia e força das mulheres para mudar o mundo. 2021. Disponível em: <https://capiremovol.org/analises/8-de-marco/>. Acesso em: 10 mar. 2021.

CFEMEA. **Cartilha rodas virtuais de autocuidado e cuidado entre ativistas**. 2020. Disponível em: <https://www.cfemea.org.br/index.php/publicacoes/4856-cartilha-rodas-virtuais-de-autocuidado-e-cuidado-entre-ativistas>. Acesso em: 4 mai. 2021.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo, SP: Boitempo. 2016 [1981].

GONÇALVES FILHO, José Moura. Humilhação Social – Um problema político em Psicologia. **Revista Psicologia USP**, São Paulo/SP: USP, vol. 9, n. 2, p.11-67, 1998.

HIRATA, Helena. Teorias e práticas do Care: estado sucinto da arte, dados de pesquisa e pontos em debate. *In*: FARIA, Nalu; MORENO, Renata. (orgs.) **Cuidado, trabalho e autonomia das mulheres**. São Paulo, SP: SOF, 2010, p. 42-56.

_____. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais, **Tempo Social**, São Paulo/SP: USP, vol. 26, n. 1, p. 61-74, 2014.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Re(des)cobrando o outro – Para um entendimento da alteridade na Teoria das Representações Sociais. *In*: ARRUDA, A. (Org.) **Representando a alteridade**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1998, p. 69-82.

KERGOAT, Danièle. **Se issen, issent-elles...** Paris, FR: La Dispute (col. Le Genre du Monde), 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12ª ed. São Paulo, SP: HUCITEC, 2010.

MMM. **8 de março de 2021**: mesmo com a pandemia, as mulheres seguem organizadas e mobilizadas por auxílio emergencial, vacina e fora Bolsonaro!. 2021. Disponível em: <http://www.marchamundialdasmulheres.org.br/8-marco-2021-mulheres-organizadas-fora-bolsonaro-vacina-auxilio/>. Acesso em: 9 mar. 2021.

MOLINIER, Pascale. A dimensão do cuidar no trabalho hospitalar: abordagem psicodinâmica do trabalho de enfermagem e dos serviços de manutenção, **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, São Paulo/SP, vol. 33, n. 118, p. 06-16, 2008.

_____. Cuidado, interseccionalidade e feminismo. **Tempo Social**, São Paulo/SP: USP, vol. 26, n. 1, p. 17-33, 2014.

_____. **Le care monde** – trois essais de psychologie sociale. Lyon, ENS Éditions. 2018^a.

_____. **Cuidarse entre sí: el autocuidado como experiencia terapéutica y política**. In: Conferência proferida no workshop Trabalho, cuidado e políticas públicas: Um olhar sobre a América Latina. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018b.

MORENO, Renata Faleiros; GODINHO, Tatau; FARIA, Nalu. Trabalho como produção do viver: consequências políticas para o feminismo. **Política & trabalho** - Revista de Ciências Sociais, João Pessoa/PB: UFPB, n. 53, p. 116-130, 2020.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Mulheres no centro da luta contra a crise Covid-19**. Disponível em: https://nacoesunidas.org/?post_type=post&s=Mulheres+no+centro+da+luta+contra+a+crise+Covid-19. Acesso em: 28 mai. 2020.

SANTOS, Hebert Luan Pereira Campos dos et al. Necropolítica e reflexões acerca da população negra no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil: uma revisão bibliográfica. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro/RJ: ABRASCO, vol. 25, supl. 2, p. 4211-4224, 2020.

SVARTMAN, Bernardo Parodi.; GALEÃO-SILVA, Luis Guilherme. Comunidade e resistência à humilhação social: desafios para a psicologia social comunitária. **Revista Colombiana de Psicología**, vol. 25, n. 2, p. 331-349, 2016.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes** – mitos e realidade. São Paulo, SP: Expressão Popular, 2013.

_____. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo, SP: Expressão popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

WHITAKER, Dulce. **Mulher & homem** – o mito da desigualdade. São Paulo, SP: Editora Moderna, 1988.

ZOBOLI, Elma Lourdes Campos Pavone. A redescoberta da ética do cuidado: o foco e a ênfase nas relações. **Rev Esc Enferm USP**, São Paulo/SP: USP, vol. 38, n. 1, p.21-7, 2004.

O trabalho recebeu apoio financeiro da CAPES.

